

Brasileiros e argentinos ainda são tímidos nos negócios

Paulo de Souza
Alves Filho (*)

Os governos da Argentina e do Brasil celebraram, a partir de 29 de julho do ano passado, importantes documentos (acordos, protocolos, etc.).

A "Ata para a Integração Brasileiro-Argentina", com uma profissão de fé, aprova protocolos que passariam a integrar a primeira fase do Programa de Integração e Cooperação Econômica entre os dois países.

Bens de Capital (Protocolo nº 1), Empresas Binacionais (Protocolo nº 5), Fundo de Investimento (Protocolo nº 7), Biotecnologia (Protocolo nº 9), Cooperação Aeronáutica (Protocolo nº 12), entre outros, são setores e temas tratados por referidos instrumentos.

Ainda em 1986, no mês de dezembro, foram assinados anexos aos protocolos de julho, novos protocolos e a "Ata de Amizade Brasileiro-Argentina", onde destacam sua "profunda fé na democracia representativa" e assinalam que "o Estado de Direito é a principal garantia da consecução da justiça social".

Em julho último os dois governos assinaram novos protocolos e criaram o "gaúcho", moeda especificamente voltada para facilitar os negócios binacionais.

Dos protocolos e seus anexos decorreu a criação de grupos de trabalho. Destes, alguns com prazos para conclusão ou apresentação de relatórios iniciais.

Há prazos expirados. Seria interessante que fossem divulgados os resultados dos trabalhos desses grupos para que brasileiros e argentinos, que patinam em protocolos, possam reverter as dificuldades, pois são tímidos os negócios concretos entre os signatários.

Tão ou mais importantes que os protocolos e seus anexos serão os negócios, consubstanciando, concretamente, a integração.

A bem da verdade, se partirmos do pressuposto conceitual do termo integração, considerando uma decisão política entre governos, empresários e

pesquisadores de dois ou mais países objetivando desobstruir os canais para o comércio recíproco, certamente acabaremos por concluir que pesam igualmente sobre os círculos oficiais e privados enormes responsabilidades pelo resultado final.

O processo integracionista exige reciprocidade nos bons propósitos, na vontade, confiança e renúncia entre as nações que se propõem a integrar-se. E, de per si, entre governantes e governados.

Nada será viável se apenas os governos se lançarem a campo, pois não se podem impor negócios por decreto. Serão sempre indispensáveis diálogo, criatividade, prudência e até tolerância de parte a parte, quer dentro de cada país, quer entre os países.

Não é nova esta luta na América Latina. E as dificuldades internas de cada nação roubam-lhes oxigênio, dificultando que se respire o saudável ar integracionista.

Mas, incontestavelmente, ocorreram avanços. A velocidade com que se processam referidos avanços não corresponde ao ideal, porém ao possível. Inexistem razões para euforia. Não deve haver espaço para o ceticismo.

Houve e haverá frustrações. Delas deveremos colher ensinamentos e não fontes de debilitação para a saúde da integração.

Em termos concretos merece atenção, por exemplo, a Latinequip, o Banco de la Provincia de Buenos Aires e o Centro Brasileiro-Argentino de Biotecnologia.

A Latinequip é uma empresa transnacional formada, inicialmente, pela participação acionária de três tradicionais instituições financeiras oficiais: Banco do Estado de São Paulo (Brasil), Banco de la Provincia de Buenos Aires (Argentina) e Nacional Financiera (México), porém aberta à adesão de outros países da América Latina. Seu objetivo é promover a substituição das importações de bens de capital (máquinas, equipamentos, e seus componentes) e serviços de engenharia, junto a aqueles países, grandes importadores de tais itens.

No Brasil, a Latinequip tem as suas representações junto ao Banco de la Provincia de Buenos Aires e nas agências do Banespa.

"O comportamento do país depende da sua capacidade de responder, com eficácia, aos desafios e aproveitar as oportunidades que o sistema interna-

cional impõe", afirma o ex-ministro da Economia argentino e atual presidente do Banco de la Provincia de Buenos Aires, Aldo Ferrer, justificando os novos tempos que transformaram aquela importante instituição financeira em eficaz instrumento de fomento e apoio aos esforços pela integração econômica com o Brasil.

"Apostamos na modernização dos métodos, no apoio ao desenvolvimento tecnológico e aos empreendimentos binacionais para que o Banco de la Provincia de Buenos Aires seja um aliado forte, leal e ágil", assegura Carlos Octávio Garcia Blaya, diretor-geral da instituição para o Brasil.

Do Protocolo nº 9 nasceu o Centro Brasileiro-Argentino de Biotecnologia. Sua inauguração oficial deu-se no dia 6 de abril último em Brasília, onde, na Secretaria de Biotecnologia do Ministério da Ciência e Tecnologia, está instalado seu escritório no Brasil.

Em publicação oficial simultânea no Brasil e na Argentina, no dia 8 de julho do corrente ano, o Centro Brasileiro-Argentino publicou seu primeiro edital, convocando pesquisadores e entidades públicas e pri-

vadas a apresentar pré-projetos ou cartas-consulta para pesquisa e desenvolvimento tecnológico nas áreas de saúde, agropecuária e atividades complementares.

Referidos pré-projetos serão selecionados pelo Comitê de Assessoramento do Centro, conforme os seguintes critérios: existência de contraparte pelo outro país signatário, interesse comercial, viabilidade técnico-econômica, impacto social, importância estratégica, perspectiva de resultados em prazos curtos e complementação da capacidade argentina e brasileira.

"No último dia 14 encerrou-se o prazo e apenas da parte brasileira foram apresentadas 143 cartas-consulta, ultrapassando em seis vezes os US\$ 2 milhões reservados pelo Brasil para o referido programa. Outros US\$ 2 milhões estão aos cuidados da Argentina para idêntica finalidade", assegura José Flávio Henrique, chefe do escritório do Centro no Brasil.

Também é voltado para a biotecnologia e a produção agropecuária o ciclo de seminários, que já viveu importantes momentos em Nova York e em São Paulo e se encerrou no último dia

2, em Buenos Aires. Trata-se de uma promoção do Banco de la Provincia de Buenos Aires, quando foram apresentadas as conclusões finais dos dois seminários anteriores e debates, tais como: manipulação embrionária, reprodução e crescimento animal, saúde vegetal, culturas "in-vitro", micropropagação, sementes e inoculantes.

Foram intensos os trabalhos de comissões e a participação de empresas, pesquisadores e órgãos governamentais, associações de classe e entidades rurais.

Assim, podem-se esperar novos fatos calcados na seriedade dos setores oficiais e privados objetivando a viabilização de negócios que auxiliem, efetivamente, a construção, bem pavimentada, de uma larga estrada por onde passarão as riquezas e as inteligências das duas nações amigas e a partir das quais toda a América Latina encontrará, finalmente, o grande destino que lhe está reservado, por tantos e há tanto reclamado.

(*) Consultor do Banco de la Provincia de Buenos Aires (sucursal brasileira) e ex-diretor do Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo (Badesp).